

# Problematização dos dados para a Teoria das Operações Enunciativas: um estudo de “acabar” em português brasileiro.

Interrogating data according to the theory of enunciative operations: the case of “acabar” in Brazilian Portuguese.

DOI 10.20396/lil.v26i51.8671884

Márcia Romero<sup>1</sup>  
UNIFESP/FAPESP

## Resumo

O estudo tem por objeto a metodologia levada a efeito pelo referencial da Teoria das Operações Enunciativas na abordagem do processo de construção da significação de unidades morfolexicais. Propomo-nos a mostrar, por meio da análise do lexema acabar em PB, de que modo a problematização dos dados motivada pela busca de princípios invariantes que ordenam a forma empírica dos enunciados e a variação das unidades desloca problemas de ordem teórica caros ao campo da semântica. Propomo-nos ainda a examinar as consequências desses princípios para a compreensão da organização da relação predicativa.

**Palavras-chave:** Enunciação, Teoria das operações enunciativas, Problematização dos dados.

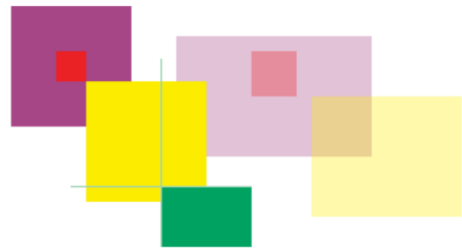
## Abstract

This study looks into the methodology developed by the Theory of Enunciative Operations to deal with the meaning-building process of morpholexical units. By analyzing the lexeme “acabar” in Brazilian Portuguese, we aim at showing how examining the data displaces important theoretical problems in the field of semantics. This examination is driven by the search for invariant principles that order the empirical form of utterances and the variation of units. We also intend to analyze the consequences of these principles for the understanding of how the predicative relation is organized.

**Keywords:** Enunciation, Theory of the enunciative operations, Data problematization.

---

<sup>1</sup> Professora e pesquisadora da Universidade Federal de São Paulo (Departamento de Educação) e pesquisadora vinculada à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (membro do grupo CNPq NALingua).



## Introdução

Já vai para seis décadas que Antoine Culioli introduziu de modo sistemático a distinção entre *linguageiro*, *lingüístico* e *metalingüístico*. Conforme recorda o linguista, essa sistematização deu-se em 1965 (CULIOLI, 2018, p. 20), sem dúvida, uma consequência da urgência por ele sentida em teorizar a relação existente entre a atividade de linguagem e a diversidade das línguas.

Como escrevem Bouscaren *et al.* (1995) no prefácio de *Langues et Langage: problèmes et raisonnement en linguistique*, obra em sua homenagem:

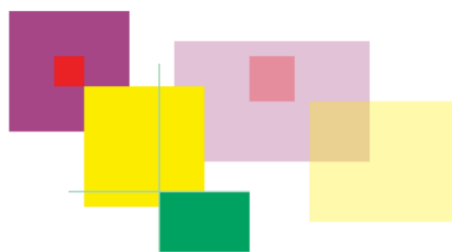
A definição que [Culioli] dá da linguística como “estudo da linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais” não era de forma alguma evidente na época em que foi proposta. Ele fez dela um princípio científico que determina seus métodos de investigação e o próprio fundamento de sua teoria, [a Teoria das Operações Enunciativas, note-se TOE]. Mas o respeito aos fatos de língua, à sua singularidade e diversidade passa, aqui, pela elaboração de um formalismo específico (...), [que] integra a riqueza das línguas naturais e a complexidade do sentido em suas diversas realizações. Ela leva em consideração notadamente o estudo de fenômenos enunciativos que conduzem à descrição minuciosa de fatos de língua até então passados despercebidos, à descoberta do papel crucial de dados aparentemente secundários, e à integração de parâmetros habitualmente excluídos do trabalho sintático, a entonação em particular. (BOUSCAREN *et al.*, 1995, p. 1)<sup>2</sup>

Se o estudo da linguagem como atividade significativa própria à espécie humana não era evidente na época em que foi proposto, afirmamos que alguns dos princípios fundamentais que sustentam a sua epistemologia, como a existência de um *hiato* entre as representações ditas de nível I e as de nível II, respectivamente, as representações em jogo na atividade significativa dos sujeitos e os representantes linguísticos dessas representações, os enunciados numa língua natural, ainda hoje assim permanecem. E é justamente a revelação deste hiato ou da não adequação entre os níveis I e II de representação um dos mais belos achados de Culioli, como já dissemos antes (ROMERO, 2019).

Não é por menos que essa questão é por ele comumente retomada, como se lê num de seus últimos trabalhos, *Variations sur la rationalité* (CULIOLI, 2018). Nele, Culioli

---

<sup>2</sup> Traduções nossas.



argumenta que na racionalidade dominante, em suas palavras, uma “racionalidade da efetuação”, podem ser percebidos “alguns traços comuns: um objetivo a ser atingido (que é distinguido) e sob tais condições que o sucesso supõe uma ‘idealização’ (universo estável, univocidade, cadeia causal, subordinação dos meios ao fim (...): nada de derivas; um código que esmaga o distanciamento simbólico<sup>3</sup> e dá a ilusão da transparência (...)” (CULIOLI, 2018, p. 28-29). Na contramão do exposto, é o “irreduzível distanciamento da atividade simbólica dos sujeitos” que se encontra no cerne de seu referencial teórico-metodológico e que nele toma corpo por meio do referido hiato entre “os marcadores empíricos (percebidos) e os processos mentais de representação (operações; esquemas; orientações; etc.)” (CULIOLI, 2018, p. 32) dos quais os próprios marcadores oferecem pistas: os marcadores são traços desses processos.

Notemos que os marcadores empíricos (percebidos) dizem respeito aos enunciados, ao *nível linguístico*, nível II de representação. Apreender os enunciados como agenciamento de marcadores significa que o arranjo de formas empiricamente atestado é concebido como traços de processos mentais que ocorrem *simultaneamente* à produção verbal e remetem, como dito, às representações em jogo na atividade significativa dos sujeitos, nível I. Notemos, também, que Culioli se refere a estas representações como *noções*.

A produção verbal mobiliza no que concerne I, *nível linguageiro* ou *nocional*, um pôr em relação que, embora não qualquer, “não se reduz a um trajeto estabelecido de uma vez por todas. Assim, a atividade simbólica não pode ser, de modo algum, reduzida a um dispositivo mecânico produzindo objetos técnicos que servem para comunicar” (CULIOLI, 2018, p. 32).

Por ser este um princípio fundante de sua teoria, Culioli o retoma com frequência, e a cada retomada, muitas seguidas de análises de fatos de línguas diversas, percebe-se como a não adequação entre os níveis I e II conduzem aos conceitos de *invariância* e de *ajustamento*.

Mencionemos duas passagens, com a finalidade de examinar o que dizem sobre a atividade significativa:

---

<sup>3</sup> No original, l'écart symbolique, também desvio, intervalo simbólico.



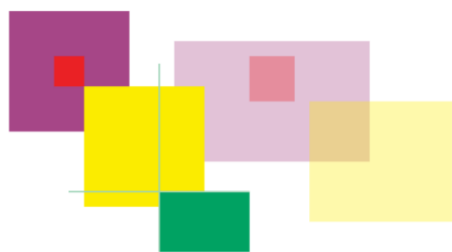
[Entre as configurações específicas, agenciamentos numa dada língua, existe o que] pode se reduzir a um certo número de categorias, de esquemas, de relações, de termos primitivos, de operações, de encadeamentos de operações que vão nos permitir identificar *invariantes* que encontramos subjacentes à atividade de linguagem, quaisquer que sejam as línguas que consideremos. (CULIOLI, 1990, p. 15, *grifos do autor*);

As noções têm propriedades formais invariantes e permitem (...) reagrupamentos de propriedades; esses reagrupamentos são variáveis e fornecem uma multiplicidade de caminhos possíveis entre o nível I e o nível II. Essas variações produzem esta especificidade das línguas das quais temos experiência: de I a II, é *necessário* ativar ao menos um caminho, dentre os caminhos *possíveis*. Uma vez o caminho I → II aberto e estabilizado, construímos e apropriamo-nos de um sistema de marcadores (...). Vemos claramente que o caminho de I a II associa a invariância e a variação (...). Como lidamos com sistemas ao mesmo tempo estáveis e deformáveis (essa dupla propriedade é uma das características da linguagem humana), compreenderemos que a especificidade de cada língua pode parecer para nós irreduzível (se nos situarmos em II), mas superável, ou, de preferência, aproximadamente ajustável, se levarmos em conta a gênese das formas de nível II (as formas de nível II são formas possíveis originadas das representações de nível I). (CULIOLI, 1999a, p. 164)

Sustenta-se, aqui, a existência de invariantes próprios à atividade de linguagem, que asseguram a estabilidade de produção-reconhecimento de formas por meio dos enunciados. Esses invariantes são retratados nos processos mentais de representação como formas abstratas: *esquemas, relações, operações*, entre outras possibilidades.

A primeira consideração envolve a estabilidade mencionada, que não deve ser confundida com o que é imutável. De fato, a invariância é entendida como uma *estabilidade deformável*, como uma “coerência reguladora” (CULIOLI, 2018, p. 36): no fundamento do empírico, “lidamos com fenômenos que são ao mesmo tempo estáveis e plásticos” (CULIOLI, 1990, p. 129).

A segunda, o entendimento que se faz dos invariantes como formas abstratas que são diferentemente configuradas pelos enunciados. É importante esclarecer que, ao afirmar que a atividade de linguagem “remete a uma atividade de produção e reconhecimento de *formas*” (CULIOLI, 1990, p. 14, *grifos do autor*), Culioli se refere não à forma empírica do enunciado, mas às formas abstratas às quais o enunciado dá corpo no espaço-tempo por meio de



variadas configurações, o que explica o porquê de o autor concebê-lo como marcador de operações.

Nesta perspectiva, não se trata de conceber o enunciado como uma forma empírica a ser analisada pelas significações veiculadas. Culioli é categórico quanto a isso: a significação “não é (...) veiculada, mas (re)construída” (CULIOLI, 1990, p. 26). No enunciado, observam-se configurações de formas abstratas, o que mostra que os invariantes nele se apresentam sempre sob uma ótica específica, sem que esta especificidade deixe de fazer referência ao esquema, à relação ou à operação que o constituem. Essa atividade permanente de configuração característica do processo de produção-reconhecimento verbal “supõe a capacidade de ajustamento entre os sujeitos. Esta capacidade permite apenas raramente um ajustamento estrito. É porque existe um jogo inter-sujeitos<sup>4</sup> que há *jogo* no ajustamento” (CULIOLI, 1990, p. 26).

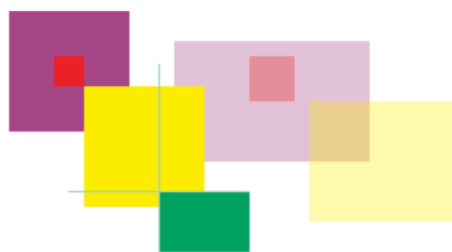
Isso nos leva a refletir sobre o que é dito na última passagem: as noções – ou as representações mentais – remetem a um jogo de relações (de formas abstratas), jogo que é o responsável por fornecer uma multiplicidade de caminhos possíveis entre o nível I e o nível II. Se o caminho de I a II associa a invariância e a variação, é porque variações são percebidas, tanto pelas configurações específicas à cada língua, quanto, no âmbito de uma língua em particular, por ex., pelos diversos empregos de uma mesma unidade linguística. Daí ser necessário ativar, de I a II, ao menos um caminho, dentre os caminhos possíveis.

Vê-se, por essas considerações, que o irreduzível distanciamento da atividade simbólica dos sujeitos manifesta-se pelo *hiato* observado entre os níveis I e II de representação; o que se tem em II, no nível linguístico, embora permita apreender o que se passa no nível das representações próprias à atividade de linguagem, jamais apreende a atividade em curso tal e qual. O linguístico configura a invariância – esquemas, relações, operações, etc. – sob uma determinada ótica ao torná-la *perceptível* através dos enunciados numa língua.

Os enunciados são reelaborações do que se têm em I. Como diz Culioli, I não é um “representante especular de II” (CULIOLI, 1999a, p. 164). Operamos sobre o dinâmico e o processual, em que as representações, ao invés de serem “conservadas em estoque, inertes

---

<sup>4</sup> *Inter-sujeito* refere-se à relação *intersubjetiva* entre os níveis I e II. Ver Romero (2019).



e inalteradas, (...) não cessam de se reorganizar e de se deformar” (CULIOLI, 1999b, p. 18). Diferentemente de uma “racionalidade da efetuação”, em que “a causa está de um lado e o efeito de outro” (CULIOLI e NORMAND, 2005, p. 252), tem-se, no fundamento dos enunciados, uma atividade interna da qual não se tem consciência, uma “racionalidade silenciosa”<sup>5</sup> cuja coerência reguladora pode vir à tona se mantivermos, “(...) na abordagem metalinguística, as exigências da racionalidade demonstrativa, mas, **ao mesmo tempo**, [fizemos] uso dessa abordagem para transbordar o que a racionalidade comum delimita e descarta (...)” (CULIOLI, 2018, p. 34, *grifos do autor*).

Dos princípios fundantes ora apresentados, passemos à discussão de características constitutivas da problematização de dados e ao estudo de caso propriamente dito.

## 1. Uma teoria dos observáveis

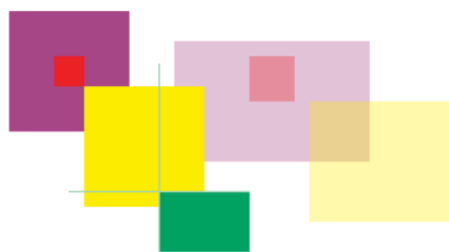
Por ser o enunciado compreendido “não como uma entidade inteiramente constituída, mas como um termo munido de uma história, e cuja forma em si mesma contém o traço das operações às quais não temos acesso direto” (CULIOLI, 1999b, p. 102), a TOE propõe-se a reconstruir tais operações, a formalizá-las “graças a uma teoria dos observáveis, a um sistema de representação metalinguística e a procedimentos de raciocínio” (CULIOLI, 1999b, p. 102). Nessa seção, ilustramos características da natureza da problematização que fazem com que este referencial seja igualmente qualificado por Culioli como uma *teoria dos observáveis*.

Uma delas aparece quando o autor questiona o que vem a ser a identidade de uma unidade, questão que, relacionada à invariância, é fundamental para Culioli. Em um de seus incontáveis exemplos para nos fazer compreender o porquê do questionamento, ele diz:

O que é a identidade? (...) será que tenho direito, se eu me deparo com *déjà*, de dizer: “Bom, *déjà*, é *déjà*. E *déjà*, quando digo “é *déjà*”, é o quê? Tem-se o que os dicionários dizem a respeito, um trabalho excelente, de modo geral, feito por um bom lexicógrafo, e que nos detalha sentidos. E percebemos que, finalmente, tudo o que lá está posto não é um grupo coerente, homogêneo em si. Se considero agora, por ex., os modos de se dizer *quoique* em alemão. Temos *obschon*, com *ob* que indica uma bifurcação, depois *schon* que é o mesmo que *schön*: “beau”, “bon”, e que, em outros casos, significa “*déjà*”. Posso dizer

---

<sup>5</sup> Diz Culioli: “Na verdade, a causa está no efeito e o efeito está na causa; existe uma espécie de compenetração” (CULIOLI, NORMAND, 2005, p. 252).



também *obwohl*, com “bien” para *wohl*. Posso dizer também *obgleich*, com *gleich*, equivalente a “égal”. Eis que somos forçados a fazer epistemologia, porque existem pedaços espalhados, cada qual com a sua realidade. Em alguns casos, eles se sobrepõem, em outros, parecem bem distantes. Que que eu faço disso tudo? (...) E se existisse um *vínculo* entre tudo isso? (CULIOLI, 2018, p. 216, *grifos do autor*)

Nessa passagem, Culioli mostra que os empregos de uma unidade linguística, quando variados, dificilmente se apresentam de forma coerente. Ater-se aos sentidos que a unidade adquire em seus usos mais atrapalha do que auxilia na compreensão de sua identidade, visto que estes tendem a se multiplicar, sem que haja necessariamente relação entre si. Por sua vez, ao trazer exemplos de variação interlínguas e refletir sobre os modos de se dizer *quoique* em alemão, assinalando termos que poderiam retomá-lo e refletindo sobre a sua formação, o autor evidencia os “pedaços espalhados” aos quais se chega, o que o faz sugerir que a coerência deve ser procurada em outro lugar. Uma característica da problematização é, portanto, a de não se deixar influenciar pelos sentidos adquiridos pela unidade na busca por sua identidade.

Outra característica aparece quando examinamos a natureza da descrição a ser empreendida para a circunscrição da identidade. Em *À propos de même*, um dos artigos que abordam a questão, Culioli traz, na abertura, uma citação de Benveniste: “uma nova técnica da descrição é necessária. (...) A tarefa acarreta a obrigação de reinterpretar os dados adquiridos e refundir as categorias estabelecidas” (BENVENISTE, 1966, *apud* CULIOLI, 2018, p. 149).

Propondo-se a realizar a tarefa, Culioli diz buscar um modo de apresentação metalinguística para *même* que não desorienta o leitor. Selecionamos apenas dois enunciados para ilustrar a sua descrição e mostrar como o autor expõe o que, neles, há de invariante, operação por nós explicada sucintamente, sem os requintes que se leem no trabalho.

Os enunciados examinados são *Nous nous rencontrons aujourd’hui même* [Nos encontramos hoje mesmo] e *C’est un très beau lac. Il y a même des cygnes* [É um lago muito bonito. Tem até/inclusive cisnes].

No primeiro, pode-se dizer que *même*, ao se referir a *hoje*, recupera outros possíveis momentos em que poderia se dar o encontro (*amanhã, depois de amanhã* etc.) para colocá-los como não pertinentes (na terminologia do autor, tais valores outros não são validados).



Isso acaba por conferir uma distinção ao momento inicial do qual se partiu, ou seja, há um retorno ao momento inicial que o reforça, já que ele se vê estabilizado pela exclusão de qualquer outro momento que poderia ser levado em conta: “*aujourd’hui même* [hoje mesmo] pode ser glosado por *aujourd’hui vraiment aujourd’hui, pas un peu plus tard, pas demain ou après-demain* [Hoje realmente hoje, nem um pouco mais tarde, nem amanhã ou depois de amanhã], etc.” (CULIOLI, 2018, p. 156).

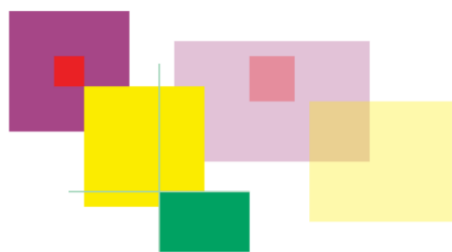
Para o autor, *même* postula um valor inicial em relação ao qual se acrescentam outros valores (valores fronteiros ou que estão no exterior, *i.e.* valores *não realmente outros* ou *realmente outros* face ao primeiro), para descartá-los e distinguir o valor do qual se partiu.

Já no segundo, *même* aparece num enunciado que consolida o inicialmente dito, *i.e.*, o fato de se tratar de um lago muito bonito: o que se acrescenta é “co-orientado, a fim de dar mais força a um raciocínio, a um esforço de persuasão” (CULIOLI, 2018, p. 155). É interessante perceber, aliás, a possibilidade de traduzi-lo por *até*. Dos argumentos que poderiam ser trazidos para afirmar que o lago é de fato bonito, a presença dos cisnes é o derradeiro, o mais forte argumento. Logo, *même* postula a presença dos cisnes (valor inicial, aqui, um argumento), convoca outros possíveis valores (argumentos), por ex., *é amplo, é arborizado*, para dizer que nada supera o referido valor apresentado: “para além (...) do argumento final, não há nada. O que significa que a extremidade não é referencialmente fundada; ela é extrema porque não há nada mais a dizer ou, simplesmente, porque o sujeito enunciador decidiu encerrar o seu discurso” (CULIOLI, 2018, p. 155).

Trouxemos essa ilustração para mencionar que, para responder à tarefa proposta por Benveniste de refundir categorias, um vasto conjunto de enunciados foi problematizado com um só objetivo: o de fazer emergir, dos fenômenos observáveis empiricamente, o que neles havia de invariante por meio de manipulações minuciosas, base do trabalho metalinguístico.

O terceiro nível de representação, dito *metalinguístico*, nível III, é, portanto, aquele em que se formalizam representações que visam a simular a relação existente entre os níveis I e II: “E desse ponto de vista, simular, é sempre, ao mesmo tempo, fazer aparecer coisas que não vemos, *i.e.*, fazer se desenvolver ou se desdobrar o que está dobrado, nas dobras; e ao mesmo tempo é sempre dissimular, involuntariamente, porque há sempre axiomas escondidos” (CULIOLI, 2018, p. 214).





## 2. Estudo de caso: *acabar* em PB ou *a quantidade a termo*

Não abandonar jamais a variação empírica na busca pela invariância é quase uma máxima em Culioli, uma máxima que traz conforto se confiarmos que é possível encontrar “através da forma aparentemente banal dos enunciados cotidianos, as operações do trabalho enunciativo que neles se ocultam” (CULIOLI, 1990, p. 155).

A metodologia analítica tem por fundamento a prática de reformulação controlada, definida como uma atividade metalinguística que permite descrever as operações comuns ao conjunto de dados analisados, *i.e.*, a sua invariância.

O primeiro passo para a sua implementação é identificar o que é solicitado pela unidade a ser analisada – no caso, *acabar* – para se enunciar: com quais termos interage e de que maneira os apreende. Por ex., em “acabou a sobremesa”, temos, não um enunciado, mas uma sequência não estabilizada, uma vez que, nela, o sintagma nominal (SN) *a sobremesa* pode ser, ao menos, duplamente determinado, apreendido ora como um elemento em específico a ser consumido, ora como o estoque referente à classe *sobremesa*, integrante de uma série de refeições (*entrada, prato, sobremesa*).

Esses modos de significar do SN são desencadeados por *acabar*, que suscita contextos não quaisquer<sup>6</sup>, como (1) *O Romualdo acabou a sobremesa, tomou o café, saiu. [FL]*<sup>7</sup> ou (2) *Pedimos menu de almoço com sobremesa, (...) acabou a sobremesa (...) e só [fui] avisado após 20 min de espera por ela [W]*.

Nesses exemplos, elaboram-se representações particulares, que fornecem pistas do funcionamento enunciativo de *acabar*. Em (1), *a sobremesa* é apreendida como definidora de uma medida em relação a uma dada grandeza, por ex., *uma fatia, uma unidade* (medida) de algo, *bolo, pudim* (grandeza). *Acabar* refere-se à quantidade descrita por essa medida, que *vai a termo*. Em (2), permanece a representação de medida que vai a termo: trata-se de uma

---

<sup>6</sup> É possível, ainda, construir uma cena na qual o sujeito preparou a sobremesa a *ser preparada*: apreende-se a *sobremesa* como *receita*. Voltamos a essa representação adiante.

<sup>7</sup> Os dados constam do projeto *Léxico e Enunciação* (ROMERO, 2016) e são oriundos de fontes lexicográficas [FL] e da web [W].



quantidade definida de elementos compondo o estoque (*grandeza*) da classe *sobremesa*, itens que constam do menu.

Como procedimento analítico de base, examina-se de que modo a unidade em estudo, ao integrar um enunciado, apreende e determina os elementos que poderiam ser vistos como constitutivos de sua distribuição a fim de sistematizar regularidades.

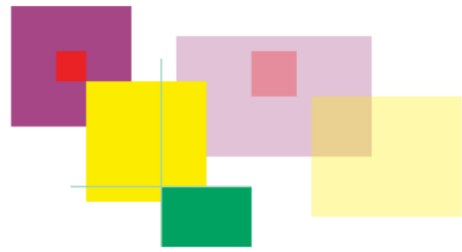
No caso do SN *a folha*, o raciocínio se mantém. Quando argumento de *acabar*, duas representações, ao menos, são mobilizadas: ora a de um pacote constituído por um número preciso de folhas, ora a de uma folha como o que institui uma medida a ser preenchida, como em (3) *Ele ia perfurando as letras do Braille na régua e assim escrevendo o que precisava. Acabava a folha, trocava por outra* [W]. Nesse enunciado, determina-se o SN *a folha* como dotado de uma grandeza – a do tamanho do papel – que traz uma medida a ser preenchida pelas letras do Braille e que pode ser especificada, por ex., pela configuração das margens. Preenche-se o espaço delimitado pelas margens com as letras em Braille. Em suma, tem-se uma medida (*quantidade*) – a dada pela *resma* ou pela *margem da folha* – que vai a termo.

Um outro exemplo é (4) *Acabou a lição de casa* [W], no qual *a lição de casa* remete à tarefa (*grandeza*) delimitada por um conjunto de atividades que lhe confere uma medida (*quantidade* de tarefa).

Consideremos agora enunciados de outra natureza, a começar por (5) *A rua acaba no sopé do morro* [FL]. Nele, apreende-se o SN *a rua* sob a ótica de uma extensão (*grandeza*) delimitada por um marco espacial especificado por *o sopé do morro*. Verifica-se, aqui, um limite circunstancial que exprime a dimensão da rua (permite mensurá-la).

Já em (6) (...) *acabou o primeiro aluno da classe* [FL], o SN *o primeiro aluno da classe* faz referência à classificação obtida, o que recupera uma série ordenada de pontuações (*grandeza*). Há, uma vez mais, um limite circunstancial, *acabar* exprimindo o termo do percurso, o nível no qual o aluno chegou, sendo que este poderia ser outro.

Um último enunciado para ilustrar o limite circunstancial é (7) *A violência fez com que o carioca acabasse a noite mais cedo* [W]. Nele, apreende-se o SN *a noite* por sua extensão temporal (*grandeza*), como um período em que diferentes eventos ou situações se manifestam (por ex., tudo o que envolve o divertimento fora de casa por um sujeito). Em relação a essa grandeza, define-se um instante qualificado por um evento (por ex., o da *volta*



*para casa*) como o que encerra o período propício ao divertimento: *a noite* [do carioca] vai a termo.

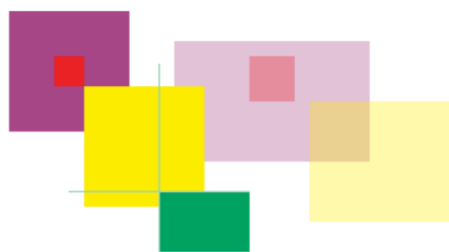
Pelos enunciados analisados, nota-se, nos empregos de *acabar*, a presença de dois parâmetros regulares, constantes, por nós formalizados em termos de *grandeza* e *quantidade*. A *grandeza* remete ao que pode ser mensurável e a *quantidade*, ao que confere uma *medida* à grandeza. A operação invariante marcada por *acabar* exprime **uma quantidade** que vai **a termo**.

Continuemos a exploração. Em (8) *Prestando atenção na resposta dela, você identifica ganchos que poderão determinar um próximo assunto, reduzindo as chances de acabar a conversa* [W], o SN *a conversa* é apreendido como uma troca verbal que se desenrola no espaço-tempo e que, por isso mesmo, apresenta uma *grandeza*. Por outro lado, o volume da conversa (*quantidade*) é aquele que ela produz: a conversa se auto-alimenta ao se nutrir de assuntos que a constituem. *Acabar* elabora uma representação na qual pode ocorrer um esgotamento da conversa por falta de assunto.

O enunciado (9) *Minhas forças acabaram* [FL] assemelha-se ao anterior. Nele, o SN *minhas forças* faz referência à energia do organismo que se auto-alimenta. Assim, a energia do organismo (*grandeza*), *i.e.*, o que lhe propicia força, vigor, capacidade de agir, é definida por um volume (*quantidade*) que é aquele que o próprio organismo produz. Uma vez mais, *acabar* remete a um esgotamento.

Outro enunciado da mesma ordem é (10) *“Uma gostosa noite de natal com meu marido no tunis aaaffff me acabei!!!!”* [W]. Nesse enunciado, *me acabei* elabora uma representação na qual o volume de energia de um corpo se esgota pelo ato sexual.

Vale observar que *acabar-se* pode exprimir ora a degradação do ser por conta de um sofrimento psíquico (como em *Maria se acabou em pouco tempo, depois da morte do marido* [FL]), ora a degradação física por conta de uma dada atividade (como em *Conheci mergulhadores que se acabaram cedo com esse trabalho* [W]), mas pode igualmente elaborar a representação de um esgotamento que é positivamente avaliado, caso de (10). Isso mostra que *acabar-se* exprime que o volume de energia do corpo foi a termo, o que tende a ser avaliado negativamente ou positivamente em função da causa do esgotamento.



Em suma, *acabar* mobiliza um *esquema invariante* descrito como *quantidade* que vai *a termo*, sendo que o *ir a termo* convoca uma *quantidade* definida como a delimitação, mensuração de uma *grandeza*. As nossas análises assinalam, além disso, que tais parâmetros se configuram nos usos segundo princípios não quaisquer, a saber:

- I. Determinação como GRANDEZA cuja medida lhe é constitutiva (*quantidade interna*);
- II. Determinação como GRANDEZA cuja medida é circunstancial (*quantidade externa*).
- III. Determinação como GRANDEZA-*quantidade* indissociáveis.

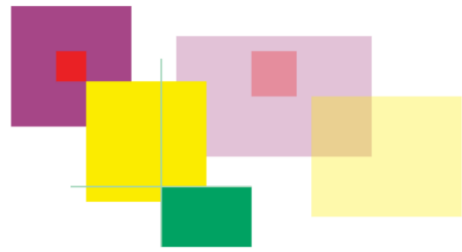
Esses modos de determinação encontram-se figurativizados no quadro 1. Nele, GDZ ❶ indica a *grandeza* e QUANT ❷, a *quantidade*.

I.	II.	III.
Ele acabou a sobremesa.	A rua acaba no sopé do morro.	(...) reduzindo as chances de acabar a conversa
GDZ. a sobremesa elemento a consumir QUANT. a sobremesa mensurada como pedaço, unidade etc.	GDZ. a rua extensão não limitada QUANT. a rua mensurada em função de o sopé do morro	GDZ. a conversa volume não limitado QUANT. a conversa mensurada em função de sua própria produção

Quadro 1: *Acabar – A quantidade a termo* e seus modos de determinação

As figurativizações propostas visam a mostrar, sem dúvida com restrições, que o esquema invariante definidor de *acabar* se configura, nos usos, sob a ótica de I, II ou III<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Para aprofundamentos teóricos, ver particularmente Romero (2018).



Em I, a grandeza traz uma unidade de medida intrínseca que permite mensurá-la, o que faz com que a quantidade se apresente de modo finito. Em enunciados representativos de I, *acabar* tende a exprimir telicidade, o que é fruto desta *quantidade finita* passível de *ir a termo*.

É o caso dos exemplos (1) e (2), em que se tem o SN *a sobremesa* como *uma quantidade finita de* (uma fatia de bolo, uma unidade de pudim OU elementos da classe *sobremesa* que constam de um estoque). É o caso, ainda, de (3) e (4), que não serão retomados, a não ser para observar que a *quantidade finita* é passível de ser elaborada por meio do que se tem *a fazer*, como se vê em (4), em que o SN *a lição* (de casa) remete à tarefa (*grandeza*) delimitada por um conjunto de atividades que lhe confere uma medida (*quantidade* de tarefa).

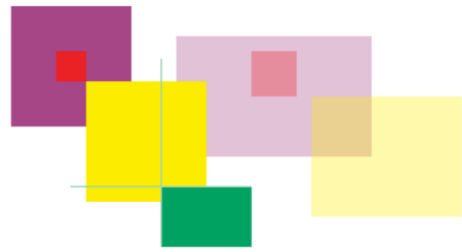
O que se tem *a fazer*, *a realizar* diz respeito a um pré-construído de ordem subjetiva que pode se expressar por meio de *projeto*, *trabalho*, *livro* etc. (por ex., apreendem-se *projeto* como um plano de trabalho, com etapas definidas, a ser elaborado; *trabalho*, como uma série finita de atividades a ser realizada; *livro*, como uma quantidade finita de leitura, a determinada pelo *a ser lido*, ou de escrita, a definida como *projeto de escrita*, o *a ser escrito*). Consequentemente, em *Ele acabou a sobremesa*, nada impede que se apreenda *a sobremesa* como *receita a ser feita*, uma fórmula na qual são descritas as proporções de ingredientes a serem integradas na feitura do prato, a ordem e o modo de composição.

Sob a ótica de *acabar*, na configuração própria ao grupo I, determina-se *a sobremesa* como *quantidade finita* de três maneiras: uma porção de sobremesa, o estoque de sobremesa e a receita a ser feita.

Em II, a grandeza convoca uma unidade de medida extrínseca para mensurá-la, o que faz com que a quantidade se apresente de modo circunstancial. Decorre desta configuração uma série de efeitos de sentido, muitos relacionados à aspectualidade, à qual se sobrepõem ou não apreciações<sup>9</sup> ou mobilizam uma relação de causa-consequência, e isso devido ao fato de o término do que se vê em curso estar relacionado à presença de um *elemento externo*. A depender da natureza do *em curso*, o término exprime o não esperado, o não previsto, ou

---

<sup>9</sup> *Acabar que*, por ex., tende a se apresentar como um marcador discursivo.



uma *consequência*, o que tem a ver com o elemento extrinsecamente convocado para definir a *quantidade*.

O enunciado (5) é um dos representativos dessa configuração: apreende-se o SN *a rua* como uma extensão (*grandeza*) delimitada por um marco espacial especificado pelo SN *o sopé do morro*, que não é parte da rua (elemento externo)<sup>10</sup>. Verifica-se um limite circunstancial definindo a dimensão da rua (permitindo mensurá-la).

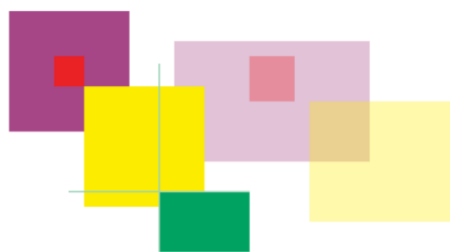
Os enunciados (6) e (7) também se configuram conforme II. Em (6) (...) *acabou o primeiro aluno da classe*, como dito, o SN *o primeiro aluno da classe*, graças a *acabar*, convoca uma série ordenada de pontuações (*grandeza*) em relação à qual ele constitui um marco ao delimitar circunstancialmente um resultado (até onde o aluno chegou). Já em (7) *A violência fez com que o carioca acabasse a noite mais cedo*, embora seja conferido ao SN *a noite* uma grandeza (extensão temporal), essa grandeza só existe por meio dos eventos que nela se manifestam circunstancialmente e dos quais toma parte o sujeito. *A noite* aproxima-se de *a noitada*, período propício ao divertimento, que vai a termo com a instanciação de um evento que se distingue dos que constituem o divertimento (por ex., *a volta para casa* como elemento [evento] externo, instante que faz com que a noitada se encerre). Em ambos, verifica-se ainda uma relação causa-consequência: há um resultado (ou uma consequência) e se postula uma causa para tanto, o esforço do aluno ou a violência da cidade.

Integram ainda II enunciados como (11) *Saí para Sambar, acabou em love* [W] e (12) *Achei esse livro na casa da minha avó, peguei pra ler meio que sem muita vontade, por ser parente e essas coisas, mas acabou que apaixonei pela obra* [W].

Consideremos, inicialmente, a construção *acabar em*, presente em (11). Sem entrar nos detalhes sobre o papel de EM, assumimos que X EM Y não apenas introduz, no domínio de Y, uma distinção em zonas, uma I(nterior) e outra E(xterior), como promove a atração de X para o centro de I (Interior de Y). Esse esquema invariante terá, a cada vez, seus parâmetros

---

<sup>10</sup> Na web, encontramos *a rua* (ou a avenida) *acabou* (acaba) em uma rotatória, na Pça X, nas proximidades de X, etc.



imbricados aos parâmetros do esquema invariante verbal, o que lhe confere diferentes valores semânticos, ainda que, aqui, sejam analisados apenas casos semelhantes a (11)<sup>11</sup>.

Na web, a sequência *acabou em morte* dá origem a enunciados que têm por sujeito sintático *briga no trânsito, confusão, discussão, desentendimento* etc., um conjunto de predicados nominalizados que mostram que há, por ex., *um brigar situado no espaço-tempo*. Além disso, pela natureza dos predicados, nota-se que remetem a situações aflitivas. Assim, EM Y (*morte*), no caso de *acabar*, instaura o domínio I-situação aflitiva e E-situação não aflitiva e promove a atração de X, situações em curso qualificadas de aflitivas (*briga, confusão, discussão* etc.) para o centro de I, posto não existir situação pior do que a morte.

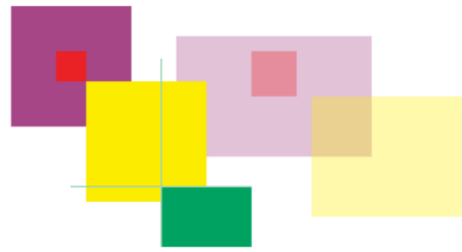
Vemos que X corresponde ao parâmetro *grandeza* (à situação em curso e aos eventos até então apreendidos, por ex., como *briga*) e Y, ao instante t em que os eventos são apreendidos como *morte*, o que delimita circunstancialmente a *grandeza* (a situação até então verificada muda, ela agora é de outra ordem). Vemos, ademais, que *acabar*, ao conceber o teor da situação ocorrida como distinto daquele da situação em curso, elabora uma representação de não esperado, não desejado: o que se espera de uma briga, é que ela deixe de se verificar enquanto briga e não que leve à morte.

Ao que nos parece, *acabar em*, nesses enunciados, elabora uma representação na qual a situação em curso é atraída para uma outra situação que dela é resultante (*briga* → *morte*), mas tal situação, por ser distinta da situação em curso (o alto grau de situações aflitivas), é vista como uma consequência adversa.

O interesse de um enunciado como (11) é que, ao invés de Y usualmente encontrados com *acabar em Y* (a saber, EM *morte, desastre, agressão, ditadura, tragédia, conflito, revolta*, etc.), tem-se EM *love* numa construção em que se coordenam orações: P (*saí para Sambar*) e Q (*acabou em love*). Há aqui uma lógica muito interessante, assim descrita: de um lado, graças a EM *love*, P é apreendido como situações que, embora não envolvam um afeto do teor de *amor*, envolvem, em seu curso, *simpatia* (*dançar com alguém, conversar, rir, se beijar*), estado afetivo que pode evoluir para o amor (atração para o centro de I-*love*); de outro, pelo fato de *love* remeter a uma situação que limita, põe um termo naquela em curso e que dela

---

<sup>11</sup> Ver Rocha (2019), que traz análises de usos do EM/EN-, preposição e prefixo, visto ser o mesmo *esquema invariante* que os define.



se distingue (uma situação em que se tem *amor* difere daquela em que se tem *simpatia*), o enunciado adquire um tom de surpresa, como se, repentinamente, se desse o amor.

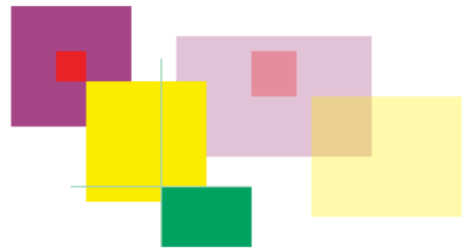
Por fim, falemos de (12) *Achei esse livro na casa da minha avó, peguei pra ler meio que sem muita vontade, por ser parente e essas coisas, mas acabou que apaixonei pela obra* [W]. Nesse enunciado, *acabar que* poderia ser alçado à classe de *marcador discursivo*. *Acabar*, em *acabou que* Q [*me apaixonei pela obra*], faz com que os eventos anteriores P (*achar o livro, pegar o livro para ler etc.*) conduzam a uma opinião que se opõe àquela oriunda de Q. Se Q *me apaixonei pela obra* exprime, por ex., uma opinião como *valeu muito a leitura*, ela não apenas se opõe à opinião que poderia decorrer de P (*não sei se vale a leitura*), mais a encerra, colocando-lhe um ponto final. Com *acabar*, trata-se mais do que contrapor opiniões: ao introduzir uma opinião conclusiva, faz com que qualquer outra opinião não tenha lugar de ser.

Resta a configuração III, em que há indissociabilidade entre os parâmetros. Vejamos o que acontece com o SN *a conversa*, que pode dar origem a (8) *Prestando atenção na resposta dela, você identifica ganchos que poderão determinar um próximo assunto, reduzindo as chances de acabar a conversa* [W], que se configura como III, quanto a (13) *A conversa acabou. Nada mais a ser dito*. [ex. próprio] ou (14) *Eu acho que Jon Jones, essa conversa acabou. Não faz mais sentido falar sobre ele*. [W], que, ao recuperar um *assunto a ser tratado*, apreende o SN como uma quantidade finita de questões ou assuntos a serem tratados, configurando-se como I, ou ainda (15) *A conversa acabou em bate-boca* [W], configurado como II.

No caso de (8), que nos interessa aqui, como explicado, o ato de conversar autoalimenta o volume de *conversa*, que simplesmente pode ir a termo quando não houver mais troca verbal. Diferente de (13) ou (14), em que *a conversa*, ao ser apreendida como uma quantidade finita, *um assunto a ser tratado*, vai a termo porque foi dito o que tinha para ser dito, em (8), é o silêncio que põe fim à conversa: em *a conversa* como *grandeza*, a medida que a mensura e faz dela uma quantidade é a de sua própria produção. O silêncio de um dos participantes da troca verbal faz com que a conversa não mais exista como conversa.

Como visto, o mesmo ocorre em (9) e (10). Para rememorar apenas (9) *Minhas forças acabaram* [FL], o SN *minhas forças* faz referência à energia do organismo que se





autoalimenta. Apreendido desta forma, a energia ou vigor do organismo, *i.e.* a sua *grandeza*, é medida por um volume (*quantidade*), aquele produzido pelo próprio organismo.

Se pensarmos em *Acabou a luz* ou *a água*, apreendidos como *fornecimento* de energia e de água (e não, no caso de *água*, como *garrafa de água*, em que se tem I, *estoque* ou *uma bebida*), observa-se funcionamento semelhante, pois a *grandeza* do fornecimento é mensurada pelo fornecimento disponibilizado. Pode, sem dúvida, existir um fator interveniente: (16) *Deu uma ventania, a luz acabou a partir disso* [W]. No entanto, em relação à natureza do volume fornecido, a indissociabilidade dos parâmetros permanece: a *grandeza* do fornecimento mensurou-se pelo fornecimento disponibilizado, que foi, simplesmente, interrompido.

Esse conjunto de enunciados, ao qual esperamos acrescentar outros em estudos futuros<sup>12</sup>, nos permite sustentar, em nossa conclusão, alguns posicionamentos, ainda mais quando comparados aos resultados obtidos em diferentes análises de nossa pesquisa (ROMERO, 2016).

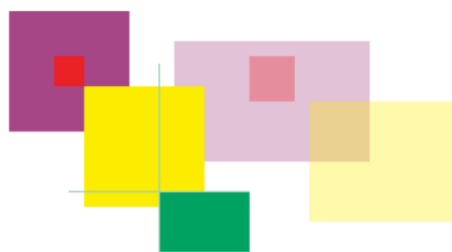
## Conclusão

Um primeiro resultado importante diz respeito ao que responde, no enunciado, aos parâmetros do esquema invariante definidor da identidade semântica verbal. Ainda que, em vários dos exemplos, o respondente seja um argumento, este se vê mobilizado a cada vez de forma muito particular. Em outras palavras, não há correspondência estrita entre um argumento e um parâmetro.

Na configuração I, nas construções *Ele acabou a sobremesa* e *Acabou a sobremesa*, é o SN *a sobremesa* que responde aos parâmetros *grandeza* e *quantidade*, seja em *a sobremesa* como *uma porção de sobremesa* ou *uma receita a ser feita* (1ª construção), seja

---

<sup>12</sup> Não tratamos de *acabar com*, *acabar de*, nem da construção *acabar* com complemento oracional no gerúndio. Sobre os dois primeiros, a análise demanda uma abordagem mais detalhada sobre o papel de *com* e *de*. Sobre o último, não temos, por ora, um estudo sobre a oração não-finita, embora esse emprego certamente se configure como II. Sugerimos a leitura de Medeiros (2018), cujas explicações, na nossa opinião, vão ao encontro de características constitutivas da configuração II, com um detalhe: em relação à agentividade sugerida para *Eu acabei escrevendo o artigo*, acreditamos existir um sujeito levado a ser agente, um agente “apesar de” (*Só me restou escrever o artigo* → *Não era minha intenção, mas, dado o pedido que me foi feito* [ou] *as circunstâncias favoráveis* [ou] *as ideias que tive*, acabei escrevendo o artigo).

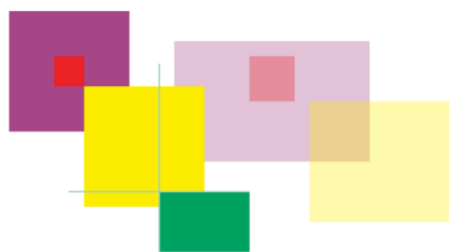


em a *sobremesa* como *estoque* (2ª construção). O argumento a *sobremesa*, determinado como *grandeza* e *quantidade*, desdobra-se numa relação interna ao responder aos parâmetros: tem-se uma grandeza cuja medida lhe é constitutiva. Consequentemente, falando especificamente da 1ª construção, o sujeito, por não ser um parâmetro do esquema, tem autonomia em relação ao predicado e é quem conduz ao estado resultante que decorre do fato de a *quantidade finita* ir a termo (Ele acabou a *sobremesa* → a *sobremesa está acabada* [estado resultante]). A *quantidade finita* faz, por fim, com que se elaborem diferentes tipos de relação todo-parte e de completude.

Na configuração II, vê-se bem que os parâmetros mobilizam diferentes elementos no enunciado, alguns que dificilmente seriam considerados argumentos, caso de *mais cedo* em (7), essencial para delimitar o SN *a noite* (lhe conferir um limite). Poderia se afirmar que isso se deve ao valor aspectual adquirido pelo verbo, mas o que sustentamos é o oposto: é o modo como são mobilizados os parâmetros no enunciado que conferem ao verbo o seu valor.

Uma outra observação importante diz respeito ao sujeito, que está implicado na situação descrita. Por ex., em (7) *A violência fez com que o carioca acabasse a noite mais cedo*, o SN *a noite* refere-se à *noitada do carioca*, de modo que o sujeito não tem autonomia em relação ao predicado: há eventos dos quais ele toma parte e que se atualizam numa dada extensão temporal (*a noitada* como divertimento), cabendo-lhe apenas integrar um evento qualitativamente distinto dos considerados (*a volta para casa* como elemento [evento] externo) encerrando a *noitada*. Os parâmetros *grandeza* e *quantidade* lhe concernem. Nos outros enunciados, vê-se bem essa implicação do sujeito nos parâmetros: em (6) (...) *acabou o primeiro aluno da classe*, é a pontuação obtida pelo sujeito que exprime o *ir a termo*. Não por menos, o SN é considerado um atributo do sujeito.

Uma última consideração importante a respeito da configuração II envolve o *elemento externo* convocado para delimitar uma quantidade circunstancial que vai a termo. Nos diferentes enunciados, percebe-se que esse elemento adquire uma natureza qualitativa distinta do que está em curso, embora seja efetivamente algo passível de delimitar uma grandeza. Em (5), *a rua* constitui, por ex. uma localidade, assim como *o sopé do morro*; no entanto, este representa algo qualitativamente distinto daquele; em (6), *o primeiro aluno da classe* se distingue de uma outra posição numa classificação; em (7), o evento de *voltar para casa* distingue-se dos que envolvem a *noitada*; nos exemplos analisados de *acabou em morte*, há situações aflitivas em relação às quais se distingue a *morte* como situação aflitiva



incomparável; no exemplo de *acabou que*, há duas opiniões confrontadas, o peso maior sendo conferido àquela introduzida por *acabar*. Isso explicaria muitos dos efeitos de sentido que estão para além da aspectualidade, conforme já mencionamos.

Na configuração III, diferente de I e II em que há uma grandeza primeira dissociada de uma quantidade, há indissociabilidade *grandeza-quantidade*. Uma série de efeitos decorrem daí: esgotamento, suspensão ou interrupção de algo, como em (8), (9) e (10). Esses efeitos explicam-se pela natureza do que se autoalimenta: ao deixar de verificá-la, resta o vazio (o que existia, não mais se verifica).

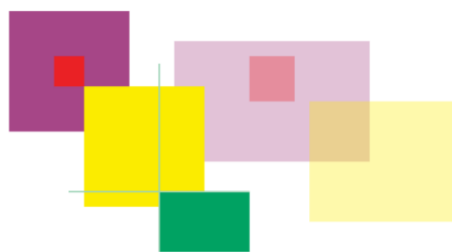
Ilustrando com o SN *a conversa* em (8), vê-se bem o que denominamos *vazio*: no enunciado, opõe-se *conversa-silêncio*, o silêncio fazendo alusão à conversa que não mais se verifica<sup>13</sup>; já em relação a *acabar-se*, vê-se de que modo *acabar* pode igualmente elaborar a representação de *morte*. Um outro exemplo interessante é (16) (...) *a luz acabou*: é a não verificação de iluminação que dá a ver que o fornecimento foi interrompido. Isso explica, ainda, a presença da construção pronominal: em (10) *aaaffff me acabei!!!!*, é, por ex., a falta de energia do sujeito que dá a ver que o sujeito esgotou, levou a termo, a sua própria energia.

Os fundamentos teóricos das configurações, que provêm de uma modelização de natureza topológica-dinâmica, não foram abordados, mas podem ser lidos em Romero (2018). Importa notar que as configurações, frutos da não adequação entre os níveis I e II de representação, têm se mostrado válidas para as diferentes unidades que analisamos.

Um segundo resultado, a nosso ver, fundamental – e com o qual nos encaminhamos para a conclusão – diz respeito ao léxico, cuja identidade em termos de esquema invariante explica as saídas em termos de construções observadas no nível linguístico, considerando-se, para tanto, os princípios que regem as configurações I, II e III. Não que estejamos afirmando que o léxico determinaria a sintaxe, mas que ele indicaria, sim, caminhos possíveis sem, contanto, restringi-los, já que outros podem vir a ser traçados graças à ação dessa coerência reguladora constitutiva da atividade de linguagem.

---

<sup>13</sup> Esse caso diferencia-se de uma conversa que não existe mais porque ela foi a cabo (o que tinha para se dizer, foi dito, caso de I).



## Referências bibliográficas

BOUSCAREN, Janine *et al.* **Langues et langage. Problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli.** Paris, PUF, 1995.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation:** opérations et représentations. Paris, Ophrys, 1990.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation:** formalisation et opérations de repérage. Paris, Ophrys, 1999a.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation:** domaine notionnel. Paris, Ophrys, 1999b.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation:** tours et détours. Limoges, Lambert Lucas, 2018.

CULIOLI, Antoine; NORMAND, Claudine. **Onze rencontres sur le langage et les langues.** Paris, Ophrys, 2005.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Eu acabei escrevendo o artigo – Um estudo sobre a forma *acabar + gerúndio* no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 60, n. 1 p. 7-29, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649766>

Disponível

em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649766>. Acesso em: 31 jan. 2023.

ROCHA, Elizabeth Gonçalves Lima. **Operações de linguagem e o ensino de língua:** um estudo do marcador EM. Tese de Doutorado, Ciências, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

ROMERO, Márcia. **Léxico e enunciação:** sistematização do funcionamento verbal, Relatório Científico ano II, São Paulo, FAPESP (processo 2013/07572-0), 2016.

ROMERO, Márcia. À propos de modes de signifiante : le littéral et le figuré revus par le jeu notionnel. In: BÉDOURET-LARRABURU, S.; COPY, C. (Org.). **L'épilinguistique sous le voile littéraire. Antoine Culioli et la TO(P)E.** Pau, France : PUPPA, 2018, p. 289-318,.

ROMERO, Márcia. Teoria das Operações Enunciativas. In: ROMERO, M. *et al.* **Manual de Linguística:** semântica, pragmática e enunciação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 175-228.

Data de submissão: 01/04/2023

Data de aceite: 06/06/2023